



ENTRE A HISTÓRIA E A MEMÓRIA: DIVERSIDADE, CORPO E (RE)SIGNIFICAÇÃO POLÍTICA

BETWEEN HISTORY AND MEMORY: DIVERSITY, THE BODY AND POLITICAL (RE)SIGNIFICATION

Maria Cleci VENTURINI¹

Leandro TAFURI²

Adilson Carlos BATISTA³

RESUMO

O presente trabalho está alicerçado teoricamente na Análise de Discurso pecheuxtiana e em autores brasileiros que aqui aprofundaram os conceitos empreendidos. Além disso, mobilizamos também pressupostos de Michel Foucault. Nosso corpus analítico é composto de dois textos-imagem que circularam nas grandes mídias durante a posse presidencial de Lula em seu terceiro mandato, em janeiro de 2023. As materialidades recortadas sinalizam para o processo de (re)significação de sujeitos que estavam, de certa forma, silenciados e apagados socialmente, mas que retornam com seus corpos, presentificados na ordem do simbólicos, os brasileiros alijados das práticas sociais e do poder constituído. A questão que norteou este texto foi: como os corpos se constituem em (dis)curso e instauram efeitos de sentidos de que um novo tempo se anuncia? Para isso, buscamos discutir o funcionamento discursivo do corpo como materialidade significante, como documento, como memória e como poder, estabelecendo relações.

¹ Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Santa Maria. Professora Associada da Universidade Estadual do Centro-Oeste. E-mail: <marialeciventurini@gmail.com>.

² Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Paraná. Professor das Faculdades Guairacá e da Rede Pública do Paraná. E-mail: <professortafuri@gmail.com>.

³ Doutor em Letras pela Universidade Federal do Paraná. Professor da Rede Pública do Paraná. E-mail: <adilsoncurt@gmail.com>.



PALAVRAS-CHAVE

Corpo-documento. Discurso. Memória.

ABSTRACT

This work is theoretically based on Pecheuxian Discourse Analysis and on Brazilian authors who have deepened the concepts used here. We also mobilized assumptions from Michel Foucault. Our analytical corpus consists of two image-texts that circulated in the mainstream media during Lula's third presidential inauguration in January 2023. The cut-out material signals the process of (re)signification of subjects who were, in a way, silenced and socially erased, but who return with their bodies, present in the order of the symbolic, Brazilians who were excluded from social practices and constituted power. The question that guided this text was: How are bodies constituted in (dis)course and establish effects of meanings that a new era is being announced? To this end, we sought to discuss the discursive functioning of the body as a signifying materiality, as a document, as memory and as power, establishing relationships.

KEYWORDS

Body as document. Discourse. Memory.

[...] as metáforas do corpo político nos lembram como não é possível haver política sem uma forma de incorporação. Não há político sem encarnação, em alguma região e momentos precisos, da existência da vida social em seu conjunto de relações. [...] Encarnação que pode se dar sob a figura do líder. [...]. Uma encarnação não é necessariamente uma representação, mas um dispositivo de expressão de afetos. (SAFATHE, 2015, p. 14).

PRIMEIRAS PALAVRAS: CORPO POLÍTICO E TRANSFORMAÇÃO

A epígrafe com que iniciamos este texto trata de corpos, do político e da encarnação, que redundam no afeto e engendram relações com o dia primeiro de janeiro de 2023 - dia da posse do Presidente, eleito democraticamente no Brasil pela terceira vez - Luiz Inácio Lula da Silva. O espaço físico, o aqui



do acontecimento, é a cidade de Brasília - Congresso Nacional. Lula é o 39º presidente eleito e o mais velho dentre todos que passaram por esse cargo, com 77 anos de idade.

Trata-se de um corpo que significa como político, como memória, como história, como documento⁴. Como memória, estes corpos instituem práticas sociais que o acontecimento em (dis)curso engendra, fazendo ressoar a esperança de um novo tempo que se inaugura. Trata-se de afetos, de tolerância e de acolhimento como vamos ver na continuidade desta escritura, marcando um acontecimento que rompe com a história escrita nos últimos quatro anos, em que imperou a exclusão de alguns grupos, tendo em conta as práticas protagonizadas pela extrema direita no poder. Trata-se, enfim, da esperança de um mundo mais igualitário e com menos exclusão com um representante da esquerda no poder. É a história se repetindo, segundo Orlandi (2004), e funcionando como a materialidade simbólica dos discursos.

Na mesma direção, para Michel Foucault, o homem é sempre histórico porque é ele que vive, trabalha e fala. Dessa forma, “o ser humano se tornou, de ponta a ponta, histórico, nenhum dos conteúdos analisados pelas Ciências Humanas pode ficar estável em si mesmo nem escapar ao movimento da História” (2007, p. 513). Se na França de 10 de maio de 1981 o que atravessou toda sua extensão territorial foi o enunciado *On a gagné* (Ganhamos), marcando simbolicamente a vitória da esquerda com François Mitterand (PÊCHEUX, 2012), no Brasil de 2022, temos esse mesmo funcionamento simbólico, como acontecimento discursivo, pelo qual ressoa a esperança para todos os

⁴ Venturini (2017) mobiliza o corpo-documento como funcionamento da materialidade discursiva como desencadeadora de redes de memórias que ressoam no discurso como memória. Nesse sentido, o corpo-documento faz funcionar, também, o corpo-memória, pelas memórias que ressoam nele/por ele em (dis)curso.



brasileiros, principalmente, para aqueles que vivem quase sempre à margem do social e condenados, muitas vezes, pela pobreza, raça, cor, sexualidade, profissão, dentre tantas outras formas de excluir os corpos no social.

Alicerçados nos pressupostos materialistas e discursivos, propomos, neste texto, analisar dois textos-imagem que circularam nas grandes mídias, em um dos maiores eventos para o país: a cerimônia de posse do presidente do Brasil, em janeiro de 2023. As materialidades recortadas sinalizam para o processo de (re)significação de sujeitos que estavam, de certa forma, silenciados e apagados socialmente, mas que retornam com seus corpos, representado na ordem do simbólicos os brasileiros alijados das práticas sociais e do poder constituído. A questão a ser respondida é: Como os corpos se constituem em (dis)curso e instauram efeitos de sentidos de que um novo tempo se anuncia? Para isso, buscamos discutir o funcionamento discursivo do corpo como materialidade significativa, como documento, como memória e como poder, estabelecendo relações.

CORPO COMO MATERIALIDADE SIGNIFICANTE, DOCUMENTO, MEMÓRIA E PODER

Não existe imagem que não nos faça ressurgir outras imagens. Tenham elas sido outrora vistas ou apenas imaginadas. (COURTINE, 2023).

A epígrafe, em tela, estabelece um elo entre uma imagem, como discurso, e as implicações sociais, históricas relacionadas às práticas e ao anúncio de um novo tempo, no qual todos os corpos importam. Vale considerar o funcionamento da imagem como materialidade significativa, como documento, como memória e como uma instância de poder, especialmente, pelas redes



de memória instauradas, reproduzindo e transformando práticas sociais, históricas e discursivas. A questão que se conjuga à questão de pesquisa proposta é: o que pode ou não pode um corpo? Na continuidade do texto, vamos dar a ver/a ler e a compreender o funcionamento do corpo, entendendo que a instância da compreensão demanda a exterioridade, o retorno de memórias, de discursos, que circularam antes e que sustentam/ancoram/legitimam o dizer, como nos ensinam Pêcheux (1997) e Orlandi (2004).

O (dis)curso em análise, a partir da imagem da posse de Lula, em 2023, engendra outros discursos e práticas pelas quais retornam silenciamentos, apagamentos e exclusões, à medida que instaura discursividade em torno de sujeitos que ficam, com frequência, nas bordas da sociedade. Para além disso, trata-se de dar a ver uma sociedade que busca somar e colocar em prática o *slogan* que perpassou a campanha da esquerda brasileira centrada no amor⁵ e na esperança, contrapondo-se à imagem das mãos, indicando armas, que perpassou a campanha e o governo da extrema direita, representada por Bolsonaro.

As condições de produção contribuem para a leitura da imagem, permitindo o engendramento de discursos, que decorre das relações estabelecidas entre dois lados que se embatem: o da extrema-direita e o da esquerda, retornando imagens que podem ser retomadas a partir da noção de intericonicidade que, de acordo com Courtine (2013, posição 519), é “[...] uma noção complexa porque ela supõe imagens externas, mas igualmente imagens internas, imagens de lembrança, imagens da rememoração, imagens

⁵ A frase sempre repetida foi “Se a gente quiser, a gente pode”. <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/04/4999778-slogan-de-lula-e-criticado-por-semelhanca-com-lema-de-obama.html>, acesso em 01 de maio de 2023.



de impressões visuais estocadas pelo indivíduo”. Trata-se, portanto, de considerar relações entre o que é presença e também ausência.

No que tange a essa noção entendemos que sujeito nunca é entendido como individual, mas sempre inscrito no ideológico, no social, dentro de formações discursivas que determinam, “o que pode/deve ser dito” (PÊCHEUX, 1997, p. 160). Desse modo, o sujeito, nessa perspectiva, é interpelado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente. As imagens, assim como as palavras, constituem redes de memória e significam como discurso, a partir do modo como são mobilizadas e inscritas em formações discursivas. Consideramos, nesse sentido, os preconstruídos, que aparecem como o já-dado e significado pelo que ressoa como memória e por discursos que retornam e, também, pelas condições de produção de cada discurso. Assim, tomamos a materialidade da imagem em (dis)curso, concordando que a partir dela retornam outras imagens, mas também discursos e memórias, acrescentando, ainda, as práticas sociais, em que índios, negros, deficientes, mulheres são invisibilizados.

O que marca a diferença entre o posicionamento da extrema direita e o da esquerda são prioridades e as práticas, destacando-se que essas práticas significam como materialidade discursiva. Não olhamos a mulher catadora, a criança deficiente, o índio, ou os sujeitos que permaneceram em vigília permanente⁶ durante os 580 dias em que o candidato eleito em 2022 esteve preso em Curitiba, entre 2018 e 2019. Olhamos as relações que se estabelecem entre esses sujeitos e como por imagens ou outro funcionamento é pela língua na história e pelos os atravessamentos da ideologia e do

⁶ https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/08/politica/1573246435_115485.html, acesso em 28 de abril de 2023.



inconsciente que eles significam em (dis)curso por imagens, pelas quais, pelo corpo de cada um desses sujeitos a sociedade brasileira sobe a rampa dos Três Poderes, em Brasília. Assim, eles deixam de ser/estar na condição de sujeitos excluídos e se constituem como a parcela⁷ da sociedade brasileira que assume o protagonismo de quem pode/deve participar do governo, instaurando a possibilidade concreta de um novo tempo.

Como documento e como memória, Venturini (2017) destaca o corpo como materialidade significativa e discursiva que coloca o sujeito no discurso pela história, tendo em conta que o corpo é o documento, que legitima e testemunha a existência desses corpos, considerando que por eles as redes de memória tomam forma e retornam discursos que significam o acontecimento e também as práticas sociais, discursivas e históricas. O corpo, é ao mesmo tempo documento e memória porque ressoam por ele o já-dito e o já significado, retornando no eixo da formulação, reproduzindo ou transformando discursos. Venturini (2009, p. 131) trabalha a imagem e, pela imagem o corpo, como enunciado que “comporta um processo imaginário em que um sujeito A projeta um sujeito B; a partir dessa projeção o dizer, encaminha-se para determinada direção e para sentidos outros, dependentes das condições de produção do discurso.” Para Foucault, corpos e poderes apresentam uma relação direta que

Intervém materialmente, atingindo a realidade mais concreta dos indivíduos – o seu corpo – e que se situa ao nível do próprio corpo social, e não acima dele, penetrando na vida cotidiana e por isso podendo ser caracterizado como micro-poder ou sub-poder. (MACHADO, 1979, p. XII).

⁷ Parcela, conforme Rancière (1996), é concebida somente uma parte do grupo social, sendo os demais excluídos.



É assim que funciona a política e a representação do corpo dos sujeitos, podendo ser trabalhadas afirmações discursivas positivas ou negativas que funcionam como micro-poderes e, dependendo de como as relações de poder são articuladas nos discursos, principalmente, de autoridades e de instituições, os corpos desses sujeitos podem ser silenciados ou mesmo apagados no social.

Michel Foucault apresenta em sua obra *Vigiar e Punir* (2008) formas de disciplinar o corpo, isso é construído em quatro partes que ele denominou de “O suplício”; “Punição”; “Disciplina” e, por último, “Prisão”. Nessas análises, foi possível compreender a tentativa de produzir um corpo dócil, obediente às regras impostas pela sociedade da época. Na primeira parte do livro, o que vemos são os corpos dos condenados e as evidências das práticas dos suplícios, que significam como rituais construídos para demonstrar o poder dos soberanos sobre os corpos dos condenados. Essa prática foi recorrente até final do século XVIII e início do século XIX, quando o próprio povo e, também, legisladores, magistrados e parlamentares passaram a ver esse “espetáculo” de forma negativa e revoltante.

Na segunda parte, o filósofo apresenta uma denúncia dos reformadores do século XVIII que precisavam passar a punir em vez de se vingar, pois essa prática significava excesso no exercício de poder, a tirania que poderia causar a revolta do povo. Assim, o direito criminal passou por reformas e o corpo do infrator passa pelo sentido de um objeto de representação, sujeito de direito, ou seja, de fazer deste corpo um bem social. Nesse sentido, as penas eram trabalhos forçados em obras públicas, contudo, segundo Foucault (2008), esse sistema não durou muito tempo, dando lugar a outra tecnologia de poder: o encarceramento dos corpos com intuito de transformar a alma e o comportamento dos sujeitos por trabalhos exaustivos e frequentes.



O que ficou desta época foi a formação de um saber dos sujeitos, pois tudo era observado e os comportamentos, tais como gestos, condutas, dentre outros, eram anotados e a aplicação da pena incidia sobre o corpo e o tempo nas prisões se transformou no resultado do poder de punir como institucionalização. O modelo carcerário se torna uma técnica de coerção aos sujeitos, mas, segundo o filósofo, não se pode reduzir esses dispositivos a teorias do direito. A demanda que se constitui consiste em transformar a punição e a repressão das irregularidades em algo regular, ou seja, como parte da sociedade para “não punir menos, mas punir melhor; punir talvez com uma severidade atenuada, mas para punir com mais universalidade e necessidade; inserir mais profundamente no corpo social o poder de punir.” (FOUCAULT, 2008, p. 70). Assim, foram surgindo as leis civis, mas, conforme o autor, não é possível reduzir esses dispositivos à teoria de direito.

Na terceira parte da obra do filósofo - *Disciplina -*, descobre-se o corpo como objeto e alvo de poder, nesse sentido, ele necessita ser disciplinado, manipulado, modelado e treinado. Conforme Foucault (2008), o que se treina pode ser obedecido e tornar-se hábil onde as forças se multiplicam. Essa ideia de disciplinarização do corpo passou a ser aplicada por instituições militares, escolares e hospitalares sob a operação de dois tipos de registros: o primeiro, por meio do funcionamento e da submissão e, o segundo, por meio da explicação e utilização.

A criação do corpo dócil ocorreu por práticas de exercícios de adestramentos e a primeira forma de adestramento, segundo Foucault (1984), foi a configuração dos espaços, organizando-os em “celas”, “lugares”, “fileiras” que permitissem a circulação dos corpos. Nesse funcionamento, toda atividade era rigorosamente controlada e vigiada em função do tempo



e cada sujeito tem o seu lugar no espaço controlado. A ideia foi treinar e produzir comportamentos úteis tendo habilidade e docilidade a partir da imposição de tarefas aos corpos ao mesmo tempo repetidas e diferentes, como uma articulação do corpo com o objeto que o manipula. E foi esse exercício que, segundo o filósofo francês, tornou-se prática disciplinar, uma tecnologia política do/para o corpo e seu assujeitamento, uma sanção normalizadora que nasce da penalidade da norma e sua combinação com técnicas de hierarquias. Dessa relação foi criada uma série de códigos da individualidade, uma formalização do individual dentro das relações de poder e de coerção aos gestos e comportamentos.

Na esteira de domesticar os corpos, Foucault (1984) inclui mais um dispositivo: o Panoptismo, baseado na arquitetura criada por Jeremy Bentham. Trata-se de um laboratório de poder, no qual, a partir de uma torre central, vê-se tudo e, pela parede periférica, vê-se nada, mas os corpos são observados, controlados e vigiados, constituindo-se como uma forma de aperfeiçoar ainda mais o exercício de poder. O funcionamento desse modelo se deu em redes, que resultaram na construção de prisões, de escolas, de hospitais e tudo que pudesse organizar as práticas disciplinares dos séculos XVII e XVIII.

Na última parte do livro, o autor deu destaque a essa arquitetura, a prisão que transforma e disciplina o corpo dos indivíduos. Essa foi considerada a forma mais imediata e civilizada de todas as penas, estendendo-se desde o século XIX até o atual. Esse dispositivo cria a solidão e também a submissão dos corpos dos indivíduos porque é, ao mesmo tempo, local de execução da pena e também de observação dos corpos punidos. Nesses estudos de observação dos corpos, surgiram o *delinquente* (de delinquência, como



desvio patológico da espécie humana) e o *infrator*, indivíduos “perigosos” para a sociedade.

Entretanto, é o delinquente que se torna o corpo encarcerado nas penitenciárias e não mais aqueles antigos corpos, surgindo, então, o infrator, o condenado e o carrasco. As penalidades citadas pelo autor se constituem como táticas para gerir as ilegalidades, porque foi a prisão que produziu o delinquente - forma política ou economicamente menos perigosa - e, assim, o fracasso delas foram os argumentos utilizados pelos reformistas do século XIX. Foi nesse modelo de prisão que se constituíram os corpos dóceis e úteis, submissos às dinâmicas dos tecidos sociais.

Diante da atualidade, perguntamos: como é possível punir o corpo dos sujeitos de forma regular sem que a sociedade fique extasiada, chocada? As práticas de punição não são expostas nas grandes mídias de forma análoga aos “suplícios” e “prisões” que aconteciam, e sim em formas de discursos que penetram no social, principalmente, a partir das instituições de Estado.

Michel Foucault, em suas obras *História da Sexualidade* (2014abc), também aborda o corpo e argumenta que esse não é simplesmente uma entidade biológica, mas é também construído social e culturalmente. De acordo com o filósofo, a sociedade cria e controla as normas e os padrões de comportamento que regulam o corpo, particularmente no que diz respeito à sexualidade. Ele afirma que a história da sexualidade é uma história da forma como o corpo é regulado e controlado pela sociedade, como por exemplo, através da moral e das leis que foram criadas. Ele também argumenta que a sexualidade é historicamente construída e não é uma entidade natural ou biológica. Em sua obra, Foucault (2014abc) examina a forma como a sexualidade é disciplinada e regulada através da medicina, da psicologia e da



justiça, e como estas instituições moldam as percepções e comportamentos sexuais da sociedade. Em resumo, ele afirma que o corpo é uma construção social e cultural, argumentando que a sociedade controla a sexualidade através de diversas instituições, assim como tentam fazer ainda hoje dentro de algumas religiões, principalmente as evangélicas.

Nestes campos conflituosos de relações de saber-poder, os corpos dos sujeitos foram sendo controlados e manipulados, tendo em vista os processos mais profundos de subjetivação praticados pelas mais diversas instituições como dispositivos de poder, destacando-se instituições como a igreja, o Estado, as prisões, a escola, o judiciário entre outros.

Quando a direita entrou no poder, em 2018, tendo como representante supremo Jair Messias Bolsonaro como presidente, diversos discursos ou séries discursivas foram legitimadas e passaram a fazer parte do cotidiano de muitos brasileiros. Para Michel Foucault (2014d, p. 08-09), “[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”.

Ao longo da carreira política de Bolsonaro, por diversas vezes, ele protagonizou manifestações públicas preconceituosas e racistas, como por exemplo, nos discursos sobre os negros e sobre os indígenas proferidos no Clube Hebraica Rio, em 2017, quando ainda era candidato:

[...] aqui apenas, são as reservas indígenas no Brasil né, onde têm uma reserva indígena, tem uma riqueza embaixo dela. Temos que mudar isso daí! Mas nós não temos hoje em dia mais autonomia para mudar isso daí. Entregou-se tanto à nossa nação que chegamos a esse ponto. Mas dá pra mudar o nosso país! Isso aqui é só reserva indígena, tá faltando



quilombolas... é outra brincadeira. Eu fui num quilombola em Eldorado Paulista... olha, o afrodescendente mais leve lá, pesava sete arrobas... não fazem nada! Eu acho que nem pra procriadores servem mais... mais de um bilhão de reais por ano gastado com eles. Recebem cesta básica e mais material... implemento agrícola e aí você vai em Eldorado Paulista você compra, arame, de arame de farpado, você compra enxada, pá, picareta, por metade do preço! Vendido em outra cidade vizinha, porquê? Eles revendem tudo baratinho lá, não querem nada com nada! Esse quilombola era a montante e a jusante do rio Ribeira de Igua, depois foram a jusantes! Pior ainda afrodescendente ameaçando matar afrodescendente! Porque algumas famílias, requereram e foi concedido a outras famílias de afrodescendentes que tem terra lá fora do processo. Olha que ponto nós chegamos. O governo federal estimulando... a luta de classes” “O pessoal aí embaixo (jovens de movimentos juvenis, torturados da ditadura militar, ativistas dos direitos humanos), eu chamo de cérebro de ovo cozido. Não adianta botar a galinha, que não vai sair pinto nenhum. Não sai nada daquele pessoal.”⁸

Ou contra as mulheres, por exemplo, em que o ex-presidente do Brasil diz para a deputada federal Maria do Rosário (PT) que não a estupraria porque ela não merecia⁹. E ainda, contra os homossexuais, em entrevista à revista Playboy em junho de 2011, ele disse que “Seria incapaz de amar um filho homossexual. Não vou dar uma de hipócrita aqui: prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Para mim ele vai ter morrido mesmo”, disse¹⁰.

Em 2008, na Tribuna da Câmara, Bolsonaro pronunciou-se sobre a indicação de Eleonora Menicucci para assumir a Secretaria de Políticas para

⁸ Íntegra da palestra proferida no Clube Hebraica Rio em 03 de março de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LPj4KyLw8Wc>

⁹ Entrevista Jornal RedeTV, 2008 - Disponível em: https://www.youtube.com/embed/atKHN_irOsQ?rel=0

¹⁰ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/veja-11-frases-polemicas-de-bolsonaro.shtml>.



Mulheres no governo Dilma Rousseff, desqualificando-a por relacionar-se com homens e mulheres e a chamando de “sapatão”. Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/embed/Do6nXV59ZzE?rel=0>

Outro exemplo é a entrevista, concedida em 2014, ao Jornal espanhol El País, momento em que Bolsonaro afirma que a homossexualidade é fruto “da influência de amigos e da televisão, ou por consumo de drogas”. Cfe. “Os gays não são semideuses. A maioria é fruto do consumo de drogas”¹¹. Em entrevista concedida ao Programa CQC da BandTV, em 2011, Bolsonaro responde à pergunta da cantora Preta Gil, sobre “o que você faria se seu filho se apaixonasse por uma negra?”, da seguinte forma: “Preta, eu não vou discutir promiscuidade com quem quer que seja. Eu não corro esse risco. Meus filhos foram muito bem-educados e não viveram em ambiente como lamentavelmente é o teu.” Vídeo disponível por meio do link: <https://www.youtube.com/embed/lkZvgiyZdkA?rel=0>

Ao assumir o poder, todo esse discurso contra a diversidade brasileira ganhou legitimidade, porque não era mais um deputado que estava enunciando e sim um presidente de uma nação.

NA POLÍTICA, HÁ UM NOVO TEMPO E A VISIBILIDADE DE TODOS CORPOS ANTES INVISIBILIZADOS

Conforme já sinalizado, a análise incide sobre duas materialidades, nas quais os sujeitos com seus corpos, antes relegados ao esquecimento sobem a rampa do Palácio do Planalto junto com o Presidente do Brasil. Uma vez mais a nação brasileira está representada por corpos marcados pela diferença, mas com um traço semelhante: são brasileiros.

¹¹ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/14/politica/1392402426_093148.html, acesso em 10 de fev. de 2023.



Para significar esses corpos presentes, neste texto-imagem, será preciso conhecer cada um deles, porque a discursivização e a abordagem do corpo demanda a compreensão dos embates de forças discursivas que se apresentam pelo/no político, no social e nas grandes mídias, conforme Michel Foucault (2008), ele (o corpo) não se limita a concepções orgânicas, entretanto se apresenta como um campo que opera diferentes dispositivos de poder porque se relaciona a práticas, estratégias e saberes.

Texto-Imagem 1: Subida da rampa do Congresso Nacional para a posse do Presidente do Brasil



Fonte: Tânia Rego - Agência Brasil. Disponível em: <<https://www.extraclasse.org.br/politica/2023/01/presidente-lula-recebe-a-faixa-presidencial-das-maos-de-representantes-da-diversidade-do-povo-brasileiro/>> Acesso em 13 novembro 2023.

Os corpos que ficaram em primeiro plano nas telas de todo o país e no exterior pela transmissão da cerimônia de posse presidencial, principalmente



na subida da rampa para a entrega da faixa, não foram quaisquer corpos, mas sujeitos que representam populações silenciadas, diante de uma política de apagamento no Estado brasileiro, sendo afirmado e reafirmado tanto pelo antigo presidente como pelos seus seguidores. O silenciamento e o apagamento desses sujeitos, de acordo Indursky (2011), não redundam em esquecimento, pois os sujeitos e seus corpos ausentes na cena do discurso, sempre significam e permanecem latentes no interdiscurso.

Corpos e sujeitos na cena da posse: um corpo negro, de uma criança, ao lado do presidente, identificado, segundo as mídias televisivas, como sendo Francisco Carlos do Nascimento. Trata-se de uma criança de 10 anos, moradora de Itaquera, periferia de São Paulo, que ficou em primeiro lugar no campeonato da Federação Aquática Paulista (1ª Região) em 2022 e em 2019. O menino participou, em Curitiba, da vigília pela liberdade do então ex-presidente Lula, com o qual se encontrou, em outra ocasião, em São Paulo. Ele é filho de uma assistente social e de um advogado que atuam em causas sociais. Depois de assistir ao filme que conta a vida do presidente Lula e com a atenção e carinho que recebeu do presidente no Natal dos catadores, Francisco diz que também pode ser presidente.

Um corpo considerado “anormal”, aparece segurando a mão do menino negro e, como um acontecimento na ordem do saber e que fez parte das estratégias de poder, tanto na política como na área educação, tendo muitos direitos ceifados, principalmente o de não ter direito de se integrar dentro das escolas regulares. A maioria dos ministros do antigo presidente queria esses corpos “anormais” segregados em um único espaço, conforme os loucos e doentes relatados por Michel Foucault em sua obra *História da Loucura* (2019[1978]),



escolas específicas para eles, de acordo com o decreto 10.502/2020¹², assinado pelo presidente que incentivava a criação de escolas especializadas para atender pessoas com deficiência, contrariando tanto a Constituição Federal de 1988 como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996. O *influencer* é Ivan Baron, um jovem potiguar que tem paralisia cerebral. Ele é e foi referência na luta anticapitalista e considerado um dos embaixadores da inclusão e da resistência contra o discurso bolsonarista. Com forte presença nas redes sociais, Baron publica conteúdos educativos sobre direitos, curiosidades e temas de interesse de pessoas com deficiência e para o público em geral se informar melhor e trabalhar contra o preconceito.

Baron vem seguido por Wesley Viesba Rodrigues Rocha, de 36 anos, metalúrgico do ABC Paulista desde os 18 anos. Atualmente, trabalha na Delga, no município paulista de Diadema, onde nasceu. Wesley é casado e tem dois filhos. Formou-se em educação física com o auxílio do Programa de Financiamento Estudantil (Fies). Na sequência do texto-imagem está Murilo de Quadros Jesus, de 28 anos, professor, formado em Letras português e inglês, morador de Curitiba. O sujeito foi professor de português como língua adicional na Universidad de La Sabana, em Bogotá, capital da Colômbia, entre 2016 e 2017. Foi, também, bolsista Fulbright como professor de português na Bluefield College (West Virginia, Estados Unidos) entre 2021 e 2022. Flávio Pereira, de 50 anos, é natural de Pinhalão, no Paraná. Trabalha como artesão e esteve na vigília Lula Livre nos 580 dias da prisão de Lula em Curitiba, ajudando em atividades do cotidiano¹³.

¹² decreto na íntegra disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/decreto-n-10.502-de-30-de-setembro-de-2020-280529948>, acesso em abril de 2023.

¹³ BB News Brasil - Quem são as pessoas que subiram a rampa e entregaram a faixa presidencial a Lula? Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-64142066>, acesso em abril de 2023.



Do outro lado do presidente está o cacique Raoni Metuktire, de 90 anos, que se dedicou à defesa da Amazônia e dos povos da floresta e tem grande reconhecimento internacional. Da aldeia Kraimopry-yaka, onde nasceu, o cacique rodou o mundo pedindo paz. A cozinheira Jucimara Fausto dos Santos, paranaense nascida em Palotina, dedicou sua vida à cozinha e contribuiu voluntariamente na Vigília Lula Livre, durante o período em que Lula esteve preso em Curitiba. Aline Sousa, de 33 anos, catadora de recicláveis desde os 14 anos, terceira geração de catadores na família. A mãe e a avó materna de Aline são catadoras da mesma cooperativa. Mãe de sete filhos, Aline atuou na direção da Rede Centcoop-DF, ingressou no Movimento Nacional de Catadoras como articuladora nacional em 2013, representando os catadores do Distrito Federal. Atualmente é responsável pela Secretaria Nacional da Mulher e Juventude da Unicatadores. Coube a Aline receber a faixa das outras pessoas e vesti-la em Lula.

Texto-Imagem 2: Lula recebeu faixa presidencial de uma mulher negra (Foto: CARL DE SOUZA / A AFP),



Fonte: Folha de Pernambuco. Disponível em: <<https://www.folhape.com.br/politica/os-desafios-de-lula-no-inicio-do-governo/252711/>>, acesso em 20 de março de 2023.



O que se estabeleceu entre os dois textos-imagem é o corpo dos sujeitos, não como indivíduos, mas como parte do coletivo marginalizado e desconsiderado. Trata-se do que Venturini (2017) significa como corpo-documento, estruturado por um corpo-memória, presentificando e aglutinando sujeitos e práticas. A criança negra, o influenciador deficiente, o metalúrgico, o professor, o índio e a catadora documentam os corpos, constituindo-se, de acordo com Courtine (2023), como objeto do discurso, que entra na história por ser, também, documento e se estruturar por memórias, conforme destaca Venturini (2017).

Há, nos textos-imagem selecionados para este texto, a instauração de um acontecimento discursivo pois, em consonância com Pêcheux (2010, p. 17), este “desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior”. Nesse sentido, diante de corpos de sujeitos renegados como portadores da faixa presidencial, temos a instauração de novos efeitos de sentidos que rompem com os estabelecidos para o ritual da passagem da faixa presidencial.

Assim, como estabelecido por Campos (2020, p. 17), “Na injunção memória e acontecimento, a noção de deslocamento se faz presente na possibilidade de construção de uma nova série, de absorção de algo novo, na reorganização dos sentidos, nas trocas de trajeto.” Nesse deslocamento, rerepresenta-se algo que é esquecido ou censurado e que não deveria/poderia ser lembrado, ou seja, os corpos interditados no governo anterior, como já vislumbrado nos enunciados ditos pelo sujeito derrotado democraticamente nas eleições de 2022.

A faixa presidencial que sinaliza a efetiva ocupação do cargo conquistado, além de outros ritos de passagem, como a assinatura do termo de posse,



historicamente, na maioria dos casos, sempre foi passada do ex-presidente para o novo mandatário do país¹⁴, em especial se considerarmos o regime democrático.

No fio do discurso, os textos-imagem mobilizados sinalizam a ruptura com a tentativa de apagamento de sujeitos que, pela memória discursiva, não deveriam ser lembrados/mencionados/discursivizados, muito menos deveriam ser protagonistas deste momento histórico, a posse do terceiro mandato do presidente Lula. Neste sentido, há nos textos-imagem discursos que rompem o fio discursivo e alicerçam os efeitos de sentido de um novo tempo.

Ao adentrarem na cena discursiva os sujeitos já mencionados, temos o protagonismo daqueles que, historicamente, foram colocados à margem da sociedade. Aos corpos negros, por exemplo, infelizmente em nosso país, em que se presentifica o racismo estrutural, foi relegado o papel de subserviência, de sujeito que não pode/deve ser parte de grandes acontecimentos. Os corpos do sujeito deficiente, por muito tempo marginalizado e segregado, tiveram como castigo o maltrato, a exclusão das famílias, a execução sumária e, ao subirem a rampa do Planalto, rompem com essa barreira da segregação e adentram ao espaço do pertencimento.

PALAVRAS FINAIS E EFEITO DE FECHAMENTO

Ao longo deste texto, mobilizamos conceitos advindos de diferentes estudiosos, destacando-se Foucault, Courtine, Venturini e outros, acerca do corpo, em especial daqueles que são excluídos e vivem às margens do social. Propomos pensar o corpo como materialidade significativa, como documento,

¹⁴ Esta, no entanto, não foi a primeira vez que um presidente deixa de passar a faixa presidencial para o seu sucessor. Em 1985, João Figueiredo não realiza o ritual para José Sarney e, em 1894, Floriano Peixoto não compareceu à cerimônia de transmissão de cargo para seu sucessor, Prudente de Moraes.



como memória e como poder, sinalizando para diferentes funcionamentos do corpo, como discurso, que significa em distintas instâncias.

A questão a ser respondida foi: “Como os corpos se constituem em (dis)curso e instauram efeitos de sentidos de que um novo tempo se anuncia?”, que buscamos responder a partir de dois textos-imagem referentes à cerimônia de posse de Luiz Inácio Lula da Silva para exercer o seu terceiro mandato como presidente da República do Brasil. Os textos-imagem sinalizam para o rompimento de um discurso que segrega para um discurso que instaura efeitos de sentido de novos rumos, novos olhares e mais atenção aos que antes eram segregados.

As análises apontam que esses corpos significam como documento, tendo em vista que dão a ver/a ler/a compreender uma parcela do povo brasileiro excluída do social e das instituições, nas quais entram, muitas vezes, como ‘assistidos’ e não como protagonistas chamados a fazer junto o Brasil do passado, do presente e do futuro. Estes corpos se constituem como memória e significam por uma memória discursiva que os inscreve na formação discursiva de sujeitos deixados de lado. Por estes corpos e neles ressoam a história e a memória de povos e, ao mesmo tempo, práticas de segregação e de exclusão, especialmente, dos negros e dos índios com os quais a formação social tem uma dívida histórica e impagável.

Em resumo esses corpos funcionam como documento em dois sentidos: primeiro por se constituírem em (dis)curso em torno dos excluídos e no acontecimento da posse de Lula, em 2023, como documento que legitima/ ancora/determina o compromisso do governo com essa parcela do povo brasileiro. Vale destacar que não tomamos o acontecimento da posse de Lula junto à população invisibilizada, como utopia ou demagogia populista, mas



como o compromisso de instituir o início de um percurso de resgate desses invisibilizados, incluídos no todo do Brasil, que se pretende sem parcelas, sem divisões. Por esses corpos, além da história e da memória, ressoa, ainda, o compromisso de um Brasil em transformação, que busca instaurar práticas de igualdade e de fraternidade entre sujeitos, independentemente de raça, cor ou qualquer outro diferencial decorrente de corpos sociais e discursivos. Dizemos, ainda, para finalizar, respondendo a questão de pesquisa, que o corpo como discurso, pode abarcar diferentes temporalidades e memórias e engendrar redes parafrásticas que, assim como a metáfora, se esburacam (PÊCHEUX, 2010).

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Luciene Jung de. Acontecimento. In: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Org.). **Glossário de termos do discurso** – edição ampliada. São Paulo: Pontes, 2020, p. 17-22.

COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis: Editora Vozes, 2013. Livro digital.

COURTINE, Jean-Jacques. **Corpo e discurso: uma história de práticas de linguagem**. Tradução Carlos Piovesani. Petrópolis/RJ: Vozes, 2023.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade** – a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra 2014a.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade** – o uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra 2014b.



FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade** – o cuidado de si. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra 2014c.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Aula inaugural do Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2014d.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade** – As confissões da Carne. 3. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2021.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 4. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 35. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução Salma Tannus Muchail. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes. 2007.

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (Orgs.). **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. [1979]. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: GRAAL, 2009.

ORLANDI, E. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. Campinas: Pontes, 2004.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre *et al.* (org.). [1983]. **Papel da Memória**. 3. ed. Campinas, Pontes, 2010, p. 49-58.



PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 2012.

VENTURINI, Maria Cleci. **Imaginário urbano**: espaço de rememoração/comemoração. Passo Fundo/RS: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2009.

VENTURINI, Maria Cleci. Museus e espaços públicos no encontro/desencontro da memória histórica e do corpo-memória/corpo-documento. In: VENTURINI, Maria Cleci. **Museus, arquivos e produção do conhecimento em (dis)curso**, Campinas, SP: Pontes Editores, 2017. p. 51-76.

Data de recebimento: 18/11/2023

Data de aprovação: 01/12/2023